



Egito: a arte da imortalidade

6º ANO	ARTE	PROF. SÉRGIO / SUSSUMO	2º BIM
---------------	-------------	-----------------------------------	---------------

Em vista da obsessão da sociedade egípcia com a imortalidade, não é de surpreender que a arte tenha se mantido sem mudanças por três mil anos. Sua maior preocupação era garantir uma vida após a morte confortável para seus soberanos, que eram considerados deuses. A colossal arquitetura e as obras-de-arte existiam para cercar o espírito do faraó de glória eterna.

Nessa busca de permanência, os egípcios definiram o essencial para uma grande civilização: literatura, ciências médicas e alta matemática. Não apenas desenvolveram uma cultura impressionante – apesar de estática – mas, enquanto outras civilizações nasciam e morriam com grande regularidade das cheias do Nilo, o Egito sustentou o primeiro estado unificado de grande porte durante três milênios.

O QUE É EGIPTOLOGIA?

Ramo especial da arqueologia, a egiptologia tenta reconstruir a civilização egípcia a partir de um imenso celeiro de antiguidades que sobreviveram.

Essa ciência teve início em 1799, quando Napoleão invadiu o Egito. Além de 38 mil soldados, o imperador levou 175 estudiosos, linguistas, antiquários e artistas. Esses arqueólogos pioneiros carregaram para a França um enorme tesouro em obras-de-arte dentre elas a Pedra da Roseta, uma laje de basalto com a mesma inscrição em três línguas, incluindo o grego e os hieróglifos.

Durante 15 séculos, pesquisadores haviam estudado os hieróglifos sem nada compreenderem, mas, ao fim de 22 anos, o brilhante linguista francês Jean-François Champollion decifrou o código. Essa descoberta despertou grande interesse pelo Egito antigo. Os primeiros egiptólogos saqueavam túmulos e templos, fornecendo objetos para as coleções europeias. Papiros, tecidos e artigos de madeira, que haviam sobrevivido intactos por milhares de anos, eram destruídos da noite para o dia. Felizmente, extensas escavações e pesquisas científicas vieram substituir esses métodos primitivos.

Os túmulos, verdadeiras cápsulas de informação sobre a vida cotidiana de seus ocupantes, forneceram conhecimentos detalhados dessa civilização desaparecida.

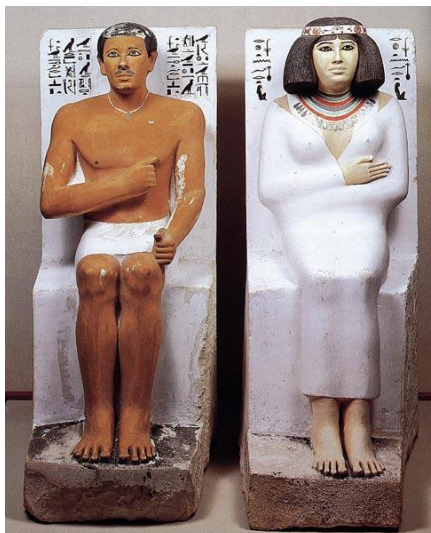


“Cena de Caça de Aves Selvagens” da Tumba de Nebamun, Tebas, c. 1450 a.C., British Museum, Londres.
Estruturada segundo fórmulas rígidas, a arte egípcia era estática.

Muito do que se conhece sobre o Egito antigo provém das tumbas que restaram. Como os egípcios acreditavam que o ka, o espírito, do faraó era imortal, depositavam em sua tumba todos os seus bens terrenos para que ele os usasse na eternidade. As pinturas e os hieróglifos nas paredes eram uma forma de inventariar a vida e as atividades diárias do falecido nos mínimos detalhes. Estátuas do faraó ofereciam uma morada alternativa para o ka, caso o corpo mumificado se deteriorasse e não pudesse mais hospedá-lo.

A pintura e a escultura obedeciam a padrões rígidos de representação da figura humana. Em muitos quilômetros de desenhos e entalhes em pedra, a forma humana é representada em visão frontal do olho e dos ombros, e em perfil de cabeça, braços e pernas. Nas pinturas em paredes, a superfície é dividida em painéis horizontais separados por linhas. A figura despojada, de ombros largos e quadris estreitos, usando adorno na cabeça e tanga, posa rigidamente como os braços para os lados e uma perna adiante da outra. O tamanho da figura indica sua posição: os faraós são representados como gigantes sobressaindo entre criados do tamanho de pigmeus.

Feitas para durar eternamente, as estátuas eram esculpidas em substâncias duras, como granito ou diorito. Sentadas ou em pé, tinham poucas partes protuberantes que pudessem se quebrar. A pose era sempre frontal e bissimétrica, com os braços próximos ao torso. A anatomia humana era, no máximo, uma aproximação.



“Príncipe Rahotep e sua Esposa Nefret”. c. 2610 a. C. Museu Egípcio. Cairo. Esculturas típicas em pedra calcária, com pose imóvel, impassível, das estátuas egípcias.



“Nefertiti”. c. 1360 a. C., Museu Egípcio. Berlim.

Parece Menos Egípcia

O marido de Nefertiti, faraó Akenaton, foi um reformador radical e um artista que proporcionou um afrouxamento temporário das convenções artísticas, como nesta representação naturalista de sua esposa.

A ARTE DA MUMIFICAÇÃO

Os egípcios acreditavam que o ka, ou força vital, era imortal. Com o objetivo de fornecer um receptáculo durável para o espírito, aperfeiçoaram a ciência do embalsamento. A preservação do corpo começava com a extração do cérebro do falecido através das narinas, com um gancho de metal. As vísceras – fígado, pulmões, estômago e intestinos – eram removidas e preservadas, em urnas separadas. O que restava ficava imerso em salmoura durante um mês, e depois o cadáver em conserva era literalmente estendido para secar. O cadáver, enxugado, era então recheado – os seios das mulheres eram estofados, envolto em várias camadas de ataduras, e, finalmente confinado num caixão e num sarcófago de pedra. Na verdade, o clima seco do Egito e a ausência de bactérias nas areias e no ar, provavelmente contribuíram para a preservação do corpo tanto quanto este tratamento químico. Em 1881, quarenta corpos de reis foram descobertos, inclusive o do Faraó Ramsés II, que tinha a pele ressecada, os dentes e os cabelos ainda intactos. O monarca de três mil anos de idade, em cuja corte Moisés se criou, era chamado “O Grande”, e por boas razões: gerou

mais de cem filhos durante seus opulentos 67 anos de reinado. No entanto, quando um inspetor da alfândega examinou os restos de Ramsés II, na transferência da múmia para o Cairo, rotulou-o como “peixe seco”.



Cabeça de Ramsés II, múmia, Museu Egípcio. Cairo.

DESCOBERTA DA TUMBA DE TUTANCÂMOM

O Faraó Tutancâmon, morto aos 19 anos, não foi importante em vida. Mas na morte, passados três mil anos, tornou-se o mais famoso de todos os faraós. Seu túmulo foi o único descoberto em condições próximas às originais. O arqueólogo inglês Howard Carte era o único a acreditar que a tumba poderia ser encontrada. Durante seis anos ele escavou o Vale dos Reis e, por duas vezes, chegou a dois metros da entrada da tumba. Em 1922, literalmente bateu os olhos na tumba. Ao acender um fósforo para enxergar na escuridão, viu “o brilho do ouro em toda parte”.

Tomamos conhecimento da magnificência funérea dos faraós através da tumba de Tutancâmon. A câmara mortuária continha desde cestas de frutas e guirlandas de flores que ainda mantinham as cores, uma cama dobrável e uma caixa de brinquedos até quatro carruagens totalmente revestidas em ouro. De fato, o ouro predominava na decoração: sofás de ouro, trono dourado, paredes de ouro, um caixão de quase dois metros de ouro maciço, além da hoje famosa máscara mortuária cobrindo o rosto da real múmia no mais recôndito dos três caixões que se aninhavam um dentro do outro.

Mais de vinte pessoas envolvidas na abertura da tumba morreram em circunstâncias misteriosas, dando margem a histórias sinistras sobre a “maldição do faraó”. Essas superstições, porém, não impediram que uma turnê de Tutancâmon mundo afora atraísse mais visitantes aos museus que qualquer outra exposição na história.



Máscara do Faraó Tutancâmon, 1352 a. C., Museu Egípcio, Cairo. Mesmo no último dos três caixões, o rosto da múmia estava escondido por uma máscara de ouro.

REFERÊNCIA

STRICKLAND, Carol. Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno / Carol Strickland; tradução Angela Lobo de Andrade. –Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. (adaptado)